

A TEORIA DA LINGUAGEM EM PLATÃO

Ac. Tânia Marília Resende. PIBIC/CNPq-COFIL-FUNREI

Orientadora: Profª Mariluze Ferreira de Andrade e Silva - FUNREI

Resumo: A linguagem foi tratada na Grécia, desde Homero, apesar de não haver ainda nenhuma reflexão teórica acerca dela. Tomando Neves (1987)¹ como fonte, percebemos que os gregos entendiam a linguagem como uma realidade sonora e que, para Homero, a ação seria praticada a partir daquilo que se fala e daquilo que se faz. Em Hesíodo isso não acontece, ele não narra acontecimentos, como Homero. Hesíodo passa, através da fala, aquilo que lhe é revelado pelas musas. São a elas que se confere a verdade ou falsidade do que é dito e, assim se instaura uma ordem através das palavras. A poesia é uma fala ditada pelas musas, mas ao lado dessa, se desenvolve também a retórica, através da qual cada homem pode se expressar. São duas formas de linguagem e é delas que surge o discurso filosófico preocupado com o princípio das coisas. Na segunda metade do século V a.C. se desenvolve a sofística que tinha como preocupação principal a formação política. Os sofistas não tinham como objetivo ensinar a verdade, mas uma arte da fala, a persuasão, com um caráter englobante que será posteriormente criticado por Platão. Este trabalho tem como objetivo pesquisar a linguagem a partir de um ponto de vista de Platão a fim de se compreender o problema colocado sobre a questão da verdade das proposições.

Palavras-chave: Linguagem. Proposição. Discurso.



Abstract: The language was treated in Greece, from Homero, in spite of there not being still any theoretical reflection concerning her. Taking Neves (1987) as source, we noticed that the Greeks understood the language as a sound reality and that, for Homero, the action would be practiced starting from that that is spoken and of that that is done. In Hesíodo that doesn't happen, he doesn't narrate events, like Homero. Hesíodo passes, through the speech, that that is revealed him by the muses. They are them that it is checked the truth or falsehood of what it is said and, an order is established like this through the words. The poetry is a speech dictated by the muses, but beside that, she also grows the rhetoric, through which each man can be expressed. They are two language forms and it belongs to them that the concerned philosophical speech appears with the beginning of the things. In the second half of the century V B.C. grows the sophistic that had as main concern the political formation. The quibblers didn't have as objective teaches the truth, but an art of the speech, the persuasion, with a global character that will be criticized later by Plato. This work has as objective researches the language starting from a point of view of Plato in order to understand the problem placed on the subject of the truth of the propositions.

Key word: Language. Proposition. Speech.

¹ Neves, Maria H. de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*, 1987.

O Estudo da Linguagem



Platão foi o primeiro pensador a dar pistas para o estudo das proposições, colocando a linguagem como objeto de estudo. A partir dele começa haver uma especulação acerca da própria língua, já que ele faz uma

distinção entre *onoma* e *rhema*, entre o nome e o verbo. Em Heráclito, a palavra *onoma* já havia aparecido, mas não como parte do discurso, mas como algo que é interno à imagem que se tem da coisa. A coisa e

o nome aparecem como elementos que constituem a linguagem.

Antes de Platão, as duas palavras, *onoma* e *rhema*, queriam dizer quase a mesma coisa, ambas designavam “nome”. Essa distinção onde a língua explica a própria língua, vai ser a base sobre a qual os estóicos vão construir a gramática.

O *logos*, ou pensamento, só pode se constituir a partir das combinações entre o nome e o verbo, e o pensamento por sua vez, vai gerar a expressão vocal. Somente poderá haver acordo ou desacordo unindo os nomes aos verbos. Segundo Nuchelmans²,

há um critério pelo qual todas as possíveis combinações de *onomata* e *rhemata* podem ser divididas em dois grupos. Há um grupo de combinações que produz um *logos* e outro, tal como ‘Caminha corre dorme’ ou ‘Leão veado do cavalo’, não produz. Se algumas das combinações produzem um *logos* significa que ele ocorre essencialmente em um ato de fala de *legein* dizendo que algo é o caso³

Havendo o acordo entre *onomata* e *rhemata* haverá o discurso. O discurs-

so é aquele que discorre sobre algo e não apenas nomeia, ele nos dá indicação que se refere a coisas, exprime a relação que existe entre as coisas.

Platão coloca que se o *logos* é verdadeiro ou falso as suas partes também serão verdadeiras ou falsas. Para Nuchelmans

De modo geral, pensava-se que em certas passagens do *Cratylus* de Platão (notavelmente 425 a) a palavra *logos* já continha, mais ou menos, o mesmo significado elucidado na passagem famosa do *Sophist* 261-264: o significado de uma declaração ou declaração caracterizando uma elocução construída por um nome e um verbo que é ou verdadeira ou falsa em um sentido estrito. Esses que defendem esta interpretação, são confrontados com a dificuldade que Platão concluiu do fato que se um *logos* é verdadeiro ou falso suas partes também são verdadeiras ou falsas, uma conclusão que parece difícil justificar.⁴

Nuchelmans concorda com Prauss, para quem o *logos* tem diferentes representações e é “um conjunto consistindo de palavras (*onomata*) como partes menores e de *rhemata* como combinação de *onomata* pela qual unir algo é caracterizado como um nome complexo e não como uma

² Nuchelmans, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval. Conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973.

³ there is a criterion by which all possible combinations of *onomata* and *rhemata* can be divided into two groups. Some of them yield a *logos* and some of them, such as ‘Walks runs sleeps’ or ‘Lion stage horse’ do not. That some of the combinations yield a *logos* means that they essentially occur in a speech act of *legein* of saying is the case. Nuchelmans, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973, p. 14 (a tradução do texto, para este trabalho, foi feita pela professora Mariluze Ferreira de Andrade e Silva, orientadora do projeto).

⁴ It has usually been thought that in certain passages of Plato’s *Cratylus* (notably 425 a) the word *logos* already has more or less the same meaning as is elucidated in the famous passage *Sophist* 261-264: the meaning namely of a statement or statement-making utterance which is constructed out of a noun and is either true or false in a straight for sense. Those who hold this interpretation are confronted with the difficulty that Plato concludes from the fact that such a *logos* is true or false that its parts too are true or false, a conclusion that seems hard to justify. Nuchelmans, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973, p. 13.

declaração que seriam os nomes e os verbos”⁵.

Esta colocação, para Nuchelmans, é difícil de justificar. Uni-los caracterizaria um nome complexo, e não uma declaração, como queria Platão. Assim, se o nome complexo fosse verdadeiro ou falso, as suas partes não seriam necessariamente verdadeiras ou falsas, já que são partes menores, podendo ser analisadas separadamente, e não na declaração, que é o caso de Platão.

O *logos* para Platão teria, então, três elementos: é uma declaração, possui um sintagma verbal e outro nominal e pode receber um valor de verdade. Isto fica explícito no seguinte diálogo de Teeteto com o Estrangeiro:

Teeteto: - Que questão me vás colocar a propósito dos nomes?

Estrangeiro: - Se todos eles estão de acordo entre si, ou se não o estão; ou se se prestam a este acordo alguns deles e outros não.

Teeteto:- A última Hipótese é evidente; uns se prestam e outros não.

Estrangeiro: - Possivelmente o que tu queres dizer com isto é o seguinte; aqueles que, enunciados em série uns após outros, têm algum sentido, admitem este acordo; os outros, cuja série carece de todo sentido, não têm acordo possível entre si.

Teeteto:- Que queres dizer com isso?

Estrangeiro:- O que creio eu tenhas tu em tua mente ao dar-me tu adesão a essa hipótese. Com efeito, para expressar vocalmente o ser, temos algo assim como duas espécies de signo.

Teeteto:- Quais?

⁵ Prauss (1966:especially 43-60) has argued for a quite different rendering of *logos*, namely as na aggregate consisting of single words (*onomata*) as smallest parts and of *rhemata* as combinations of *onomata*, by which aggregate something is characterized in the way of a complex name and not in the way of a statement *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London: North-Holland, 1973, p. 13.

Estrangeiro:- Se os denominas nomes ou verbos.

Teeteto: - Explique uns e outros.

Estrangeiro:- Aos que expressam as ações chamamos de verbo.

Teeteto: - Certo

Estrangeiro:- Enquanto aos sujeitos que realizam estas ações, o signo vocal que aplicamos a eles é um nome.

Teeteto:- Perfeitamente.

Estrangeiro: Os nomes enunciados completamente sendo um a continuação de outro não constituem nunca um raciocínio, como tampouco uma série de verbos enunciados sem a companhia de um nome.⁶

Para Nuchelmans⁷, tomando como referência a exposição feita no *Sofista*, percebe-se que é impossível declarar ou pensar algo que não é o caso, e que nem todas as palavras podem ser combinadas; elas combinam com umas e não combinam com outras. Esta combinação se dá levando em consideração um ordenamento. A combinação de palavras que se faz desordenadamente não produz um *logos*. Os sofistas através das falsas declarações, criam um discurso irreal, eles não pronunciam a verdade que está para Platão, na idéia. Os sofistas não chegavam a contemplar a idéia, ficando no nível da opinião (*doxa*). O sofista na verdade fala ou imita o mundo sensível que, apesar de participar na idéia, não é a idéia e, portanto, não é a verdade em si. Só o filósofo contempla o mundo das idéias, e conseqüentemente a verdade que nele se encontra.

Pode-se, então, estabelecer uma estreita relação entre o não-ser, apresentado nesta obra, e o falso. O não-ser seria a imitação do sensível,

⁶ PLATÃO. *Obra completa.*, Madrid : Aguilar, 1972, p.1039.

⁷ Op.cit., p.13-14.

que embora se relacionando com o ser, não é o ser. Dizer o não-ser, sobre o ser, é dizer algo que na verdade ele não é, atribuindo ao ser uma propriedade que ele não possui. A noção de não-ser, que encontramos anteriormente em Parmênides (Neves, 1987), é a de que o discurso só é possível, porque existe duas possibilidades: a que é, e a que não é. Aquilo que não é, para Parmênides, não pode ser dito, isso porque ser e pensar em sua concepção é o mesmo. Se não posso pensar o não ser, também não posso dizê-lo. Empédocles e Anaxágoras vão dizer que o ser pode ser dito de diferentes maneiras pelo homem, separando o ser do pensamento e conseqüentemente da linguagem.

Por exemplo, a sentença: “João é racional”, é uma declaração, tem um nome e um verbo e pode receber um valor de verdade, uma vez que se trata de uma afirmação. Se João é homem, ele é, necessariamente, racional. Esta sentença seria um *logos* verdadeiro, porque ser racional é uma propriedade atribuída ao homem. Agora, se dissermos: “João late”, esta sentença também possui os elementos da anterior, mas recebe um valor de verdade falso, uma vez que latir não é uma propriedade atribuível ao homem. Pelo fato de que se pode, ou não, dizer a verdade, é que Platão vai usar a dialética como modo de se chegar à verdade. Por isso Platão critica os sofistas, para quem tudo que é dito é verdadeiro, já que se utilizam da retórica para ensinar.

Segundo Nuchelmans⁸, no *Sophista* (261c 6-262e2) Platão fala sobre a possibilidade da falsidade no discurs-

⁸ Op. cit. p. 14.

so e coloca duas teses fundamentais: 1. há dois níveis de atividade no discurso: o nível *onomazein* e o nível *legein* e 2. devem ser combinadas certas unidades do nível *onomazein* de tal modo definido, para adquirir uma unidade do nível *legein*, um *logos*. As duas unidades que Platão introduz no nível *onomazein* são *onomata* e *rhemata*. Ambos são meios de nomear ou designar algo. *Rhemata* indica ações ou estados (*práxis*) e *onomata* especifica os assuntos dessas ações e estados.

Através dos nomes e dos verbos, da combinação entre eles surge um pensamento completo (*logos*), que é expresso pela fala, dizendo que algo é o caso. As combinações que não produzem um *logos*, é porque não se uniram para dizer que algo é o caso, elas não afirmam nada e não podem portanto receber um valor de verdade. Só há *logos* quando a expressão do pensamento dá informações e afirma algo (ações ou estados) sobre alguma coisa, uma pessoa ou uma palavra (aquele que pratica ou sofre a ação).

Para Platão, segundo Nuchelmans, se antes de falar, primeiro se raciocina, nomeia-se e forma-se um juízo, aquilo que é expresso vocalmente é algo independente, é um pensamento completo. “Platão quer dizer, aparentemente, que alguém que afirma que algo é o caso, no nível *legein*, acarreta algo que é um todo completo e independente, em contraste com alguém que só chama atenção para algo por meio de um *onoma* ou *rhema*, no nível *onomazein*”⁹. Nomear apenas, não constitui

⁹ Plato apparently wants to say that someone who asserts that something is the case, on the *legein*-level, brings about something that is a complete

um pensamento completo, porque não combina nomes e verbos. Aquilo que é dito de algo através das declarações, possui independência, porque dá informação sobre algo, ou sobre um estado de coisas. A fala passa então, uma informação completa, que não deixa lacunas.

Assim, por exemplo, a proposição: “João é racional”, passa uma informação completa sobre algo. Quem a lê entende que todo homem é racional, entende a informação que está sendo passada pela declaração. Uma declaração deste tipo está no nível *legein*, no nível da fala e possui independência, enquanto que as que estão no nível *onomazein*, no nível do nomear, não possuem esta independência. As palavras que estão no nível *onomazein*, não passam uma informação que leve a uma conclusão, por isso seriam “defeituosas” e não seriam um *logos*.

Nuchelmans parte da compreensão que Platão tem de independência no nível *legein* para argumentar que há um espaço aberto entre o nome (*onoma*) e o verbo (*rhemata*).

Assim, por exemplo, baseada na idéia de Platão, a proposição “João é racional” só é um *logos* completo porque o nome e os verbos estão combinados. “João é _____” e “_____ é racional”, tornam-se um *logos* que passa uma informação quando os espaços são devidamente preenchidos. O que é dito sobre o nome condiz com ele, e o nome combina com o que é dito. O nome e o verbo sem combinação são pala-

and independent whole, in contrast with somebody who only calls attention to something by means of an *onoma* or *rhema*, on the *onomazein*-level (Nuchelmans, op. cit. p. 15).

avras que não passam uma informação completa e que são utilizadas e inseridas pelo pensamento em um todo maior que passa uma informação, elas são partes que constituem este todo.

No “Crátilo”, encontramos a questão que Platão coloca, se seria os nomes fruto de uma convenção ou se designam aquilo que a coisa é, nesse caso eles seriam atribuídos às coisas por um legislador que conhece a natureza das coisas. Sobre esta questão, encontramos as seguintes passagens, no “Crátilo”:

Hermógenes - Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os Helenos como entre os bárbaros em geral.¹⁰

Hermógenes - Por minha parte, Sócrates, já conversei várias vezes a esse respeito tanto com ele como com outras pessoas, sem que chegasse a convencer-me de que a justeza dos nomes se baseia em outra coisa que não seja convenção e acordo. Para mim, seja qual for o nome que se dê a uma determinada coisa, esse é o seu nome certo; e mais: se substituirmos esse nome por outro, vindo a cair em desuso o primitivo, o novo nome não é menos certo que o primeiro. (...) Nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira.¹¹

Platão argumenta, que os nomes têm como característica especificar a essência das coisas, aquilo que ela é. Só que para isso, aquele que nomeia teria que possuir a arte de nomear, e no caso este seria o legisla-

¹⁰ Platão. *Diálogos – Teeteto e Crátilo*, 1988, p.102.

¹¹ Platão. *Diálogos – Teeteto e Crátilo*, 1988, p.103.

dor, que nomeia segundo a natureza das coisas. A formação da linguagem, seria uma arte, que se utiliza do nome para constituir a linguagem.

Aquele que vai fazer uso da linguagem, em Platão, é o dialético, e, portanto, é ele que vai sentenciar, observando o trabalho do legislador. O dialético vai comprovar se o nome realmente expressa aquilo que a coisa é.

Como a arte para Platão é imitação e, portanto, não expressa a verdade em si, ele argumenta que quando se nomeia, aparece uma distância entre o nome (imagem) e aquilo que a coisa é. A partir dessa distância é que Platão discute o problema da falsidade; segundo ele algum nome pode não ser aplicado com a devida exatidão. Assim, seria possível declarar algo falso, já que o mesmo pode acontecer com os verbos e com a união de verbos e nomes, ou seja, com a proposição.

O mais provável é que os nomes expressem o que as coisas são e que o uso dos nomes, faz com que por convenção, aceitemos alguns nomes. Quando vamos usá-los já sabemos previamente o que querem exprimir, então mesmo quando o nome não tem a devida exatidão, ele acaba por definir a coisa.

No “Crátilo”, percebe-se que essa dificuldade de nomear com exatidão implica no problema do conhecimento. Por nomear partindo da imagem, Platão coloca que o nome pode não ser uma forma confiável de se chegar ao conhecimento da essência das coisas. Atribuir falsidade ou veracidade a cada palavra ou nome isoladamente se torna difícil, o que

ocorre é um discurso falso ou verdadeiro.

Dizer um nome é dizer aquilo que a coisa é, mas podemos dizer vários nomes de uma mesma coisa, apesar de cada coisa ser uma, ela pode ter muitas qualidades, e o mesmo se dá no discurso. Podemos dizer várias coisas de um mesmo nome, assim como uma mesma coisa pode ser dita de diferentes nomes. O espaço que há depois do nome João, pode ser preenchido por diversas coisas que podemos atribuir a João, como: “João é estudioso”, “João é inteligente” e “João é racional”. Da mesma forma o espaço que há antes do que é dito sobre o nome, no caso “racional”, pode ser preenchido por diversos nomes, como: “Maria é racional”, “Pedro é racional” e “João é racional”.

Para Platão, o *logos*, seria um todo articulado, um pensamento completo, por isso receberia um valor de verdade no todo, porque não é construído por partes. Se o *logos* é verdadeiro, é porque ele declara e afirma algo que é o caso, e se ele for falso é porque declara e afirma algo que não é o caso. Se um *logos* for falso, suas partes não são necessariamente falsas. Assim, por exemplo, o *logos*: “João late”, é falso. Existe um homem que se chama João, e existe um ato que é chamado “latir”. A combinação do nome com o verbo não forma uma proposição verdadeira porque o verbo latir não se adequa a João, se João é homem. O *logos* citado é um *logos* que declara e afirma algo que não é o caso.

Percebe-se que encontramos algo que não é o caso naquilo que foi afirmado. O problema da falsidade

está na fala, naquilo que é exteriorizado; só podemos atribuir verdade ou falsidade ao que é dito, e não ao que se afirma em pensamento. O conteúdo do pensamento só é conhecido através da fala. A linguagem não coincide com o pensamento, ela é uma manifestação deste.

Platão, segundo Nuchelmans¹², investiga os atos mentais, ou seja, o pensamento, utilizando-se de três termos: *dianoia*, *doxa* e *phantasia*. *Phantasia*, seria a imaginação, uma espécie de *doxa*, e por isso Nuchelmans só discute a questão da *dianoia* e da *doxa*.

Segundo Nuchelmans¹³, há o discurso (*dianoia*) e o processo de pensar (*dialegesthai*). Este processo de pensar é também um diálogo, mas um diálogo da mente consigo mesma. Para afirmar alguma coisa a mente primeiro conversa com ela mesma; ela pergunta e dá respostas. Depois disso é que ela vai formar um juízo e decidir se algo é ou não o caso.

Antes de Platão o pensamento e a declaração se confundiam por ter uma estreita ligação, mas Platão faz a distinção entre as atitudes mentais e o ato de exteriorizar estas atitudes, ou seja, a fala. O diálogo da mente com ela mesma é que define entre ser ou não o caso. Desta forma, quando se diz; “João late”, a própria mente tem em si o valor de verdade, ele é o resultado do ato de pensar. O pensamento elabora a *doxa* que é exteriorizada pela fala. A *doxa* em si não é exteriorizada, ela é elaborada para a própria mente.

Podemos perceber estas distinções na seguinte fala do Estrangeiro:

Posto que, como temos visto, há raciocínio verdadeiro e raciocínio falso, e posto que, no raciocínio, distinguimos o pensamento, diálogo que tem a alma consigo mesma, a opinião fim e término do pensamento, e este estado que designamos com a expressão “imagino” combinação de sensação e de opinião, resulta, pois, necessário que ao estar emparentadas com o raciocínio, estas coisas algumas vezes sejam falsas.¹⁴

Considerações finais

Assim, concluímos que se um pensamento tem nele duas proposições, como por exemplo, “João é racional” e “João late”, a mente vai dialogar com ela mesma, fazer perguntas sobre uma e outra proposição para depois optar por uma, aquela que o pensamento julgar como sendo verdadeira. Assim, se “João é homem”, “João é racional”, já que ser racional é uma propriedade atribuída ao homem. Mas se “João é homem”, “João não late” porque latir é uma propriedade, mas não é atribuída ao homem e, portanto, não é o caso.

A fala, segundo Nuchelmans¹⁵, seria a expressão do pensamento que é também comparada a exteriorizar “uma imagem da *doxa* da pessoa sobre a corrente que flui pela boca “uma forma de fazer a sua *doxa* ser conhecida pelos outros, essa imagem não é ela mesma, porque ela está no pensamento. O *logos*, é a imagem da *doxa*, que flui do pensamento através da fala.

Como o pensamento precede a fala, a fala nada mais é que a exterioriza-

¹² op. cit. p. 18.

¹³ Idem ibd.

¹⁴ PLATÃO. *El Sofista. Obra completa*. Madrid: Aguilar, 1972, p.1041.

¹⁵ op. cit. p. 19-20.

ção do conteúdo do pensamento, de algo que o pensamento constrói. Tudo que é dito, recebe seu signifi-

cado pelo pensamento, e é ele que pode atribuir valor de verdade às proposições.

Referências Bibliográficas

NEVES, Maria H. de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo :Editora HUCITEC, 1987.

NUCHELMANS, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval. Conceptions of the bears of truth and falsity* .London: North-Holand, 1973.

PLATÃO. *Diálogos – Teeteto e Crátilo*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém : UFPA, 1988.

_____. EL Sofista. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar.